



## A COAUTORIA DO SERTÃO ALEMÃO: VEREDAS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA

Eloá Carvalho Pires\*<sup>1</sup>

\* Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)  
e-mail: elocarvpires@gmail.com

**Resumo:** Em 2003, a Editora Nova Fronteira lança *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958 – 1967)*, organizada por Maria Aparecida Bussolotti e traduzida por Erlon José Paschoal. Esse livro revela diversos apontamentos acerca dos processos de tradução e (re)criação de *Grande Sertão: Veredas* e “a amizade mais estreita” (PASCHOAL, 2008, p. 186) surgida entre Meyer-Clason e Rosa. Cinco anos após traduzir a correspondência entre os dois citados escritores, Erlon José Paschoal incita a ascensão do debate sobre a questão da convivência e da proximidade entre autor e tradutor bem como suas consequências para a tradução de uma obra literária em *Uma recriação fiel: Diálogos entre o autor e seu tradutor* (2008). A partir disto, procuraremos expor, à luz dos apontamentos de Paschoal e outros estudiosos do tema, como a relação entre autor\tradutor foi constituída de forma opositiva ao longo dos séculos sob diferentes aspectos nas teorias de tradução. Em seguida, buscaremos discutir acerca questões como autor, tradutor, tradução e (re)criação literária. Por fim, demonstraremos que, em uma relação de complementaridade, a aproximação entre ambos, autor e tradutor, não somente é prolífica para a (re)criação literária e para as discussões acerca dos estudos da tradução, mas também torna possível formular uma reflexão acerca de uma “tradução recíproca” (OTTONI, 2005, p. 16). Para tanto, tomaremos como base a proposta de Paschoal de “simbiose” (PASCHOAL, 2008, p. 187) para propor a “duplicidade da autoria” (LAGES, 2002, p. 82) de uma tradução literária.

**Palavras-chave:** Tradução, autor e tradutor, (re)criação literária

### The Coauthorship of The German Backlands: Paths of Literary Translation

**Abstract:** In 2003, Editora Nova Fronteira launches *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958 – 1967)*, organized by Maria Aparecida Bussolotti and translated by Erlon José Paschoal. This book reveals several notes about the processes of translation and (re)creation of *Grande Sertão: Veredas* and “the closest friendship” (PASCHOAL, 2008,

<sup>1</sup> Eloá Carvalho Pires é doutora em Letras pela Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente, é servidora pública da Secretaria de Educação do Governo do Estado do Espírito Santo. Aluna do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará e do curso de Segunda Licenciatura em Letras-Inglês (EaD) do Instituto Federal do Espírito Santo.



p. 186) that emerged between Meyer-Clason and Rosa. Five years after translating the correspondence between the two aforementioned writers, Erlon José Paschoal encourages the ascendancy of the debate on the issue of coexistence and proximity between author and translator as well as its consequences for the translation of a literary work in *Uma recriação fiel: Diálogos entre o autor e seu tradutor* (2008). Based on this, we will try to expose, enlightened by Paschoal's notes and other scholars on the subject, how the relationship between author/translator was constituted in an oppositional way over the centuries under different aspects in translation theories. Then, we will seek to discuss issues such as author, translator, translation and literary (re)creation. Finally, we will demonstrate that, in a complementary relationship, the rapprochement between both, author and translator, is not only prolific for literary (re)creation and for discussions about translation studies, but also makes it possible to formulate a reflection about a "reciprocal translation" (OTTONI, 2005, p. 16). To do so, we will take as a basis Paschoal's proposal of "symbiosis" (PASCHOAL, 2008, p. 187) to propose the "duplicity of authorship" (LAGES, 2002, p. 82) of a literary translation.

**Keywords:** Translation, author and translator, literary (re)creation

### Considerações Iniciais

Assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. (BERMAN, 2007, p. 18)

O livro *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958 – 1967)* realiza um projeto editorial que conta com o arquivo pessoal do próprio Guimarães Rosa (organizado por Neuma Cavalcante no Instituto de Estudos Brasileiros da USP) e com o arquivo pessoal de Meyer-Clason, reunidos por Maria Aparecida Bussolotti. Nessa correspondência, traça-se um delicado diálogo entre esses dois estudiosos, repleto de apontamentos e indicações de Rosa para elucidar dúvidas e auxiliar Clason a caminhar pelos caminhos complicados de sua criação literária *Grande Sertão: Veredas*. Nessa convivência intensa, "debatem-se as possibilidades e impossibilidades da tradução" (PASCHOAL, 2008, p. 184). Através dessas cartas, Guimarães Rosa busca ajudar seu tradutor a alcançar os tons e os sentidos que brotam do sertão e de seus habitantes. Concomitantemente, ele próprio também já vislumbra a dificuldade deste processo, que se inicia já na tradução do título da sua obra para outra língua: "aqui pausa-se logo o problema de como traduzir "Sertão", de tão importante significado, tanto concreto quanto simbólico no livro" (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p. 85). Por sua vez, as problemáticas de tradução levantadas por Clason coincidem com as dúvidas dos próprios falantes de língua portuguesa acerca das palavras que compõem a obra do escritor brasileiro. Dada esta intraduzibilidade intrínseca ao texto roseano, na



tradução “naturalmente, ocorre em alguns pontos a necessidade de retoque ou de mais rigorosa acerto, o que seria aliás inevitável, dada a própria natureza do texto.” (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p.84). As expressões destacadas por seu amigo Meyer-Clason fazem com que Rosa, como próprio autor do texto, passe a revisitá-lo com outros olhos. Dentre as reivindicações, o tradutor sugere:

Poderia o amigo preparar, à sua conveniência, uma lista contendo todo e qualquer nome, termo técnico e expressão, designando um conteúdo concreto ou conceito especial, que seja próprio do Brasil, e especialmente de Minas, a fim de que eu possa procurar ou um nome novo ou uma circunscrição que transmita o seu conteúdo sensível e sentido palpável o mais próximo possível. (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p.99)

Sobre a atitude tradutória de Clason, fica claro ele intenciona traduzir o que chama de “conteúdo sensível” e “sentido palpável”. A partir disto, torna-se evidente que ele busca ser fiel ao sentido, e não à letra, pois, muitas vezes, não há uma tradução literal para as expressões escolhidas (e por vezes inventadas) por Guimarães Rosa para a elaboração de *Grande Sertão: Veredas*. Essas reflexões tornam-se importantes na medida em que o escritor, ao ajudar o tradutor a caminhar pelo sertão, opera desvelamentos do seu processo de criação e ambos repensam suas produções em amplo aspecto. Rosa até mesmo “afirmou em uma de suas cartas que a língua alemã seria mais apta que o português para captar o universo sertanejo” (PASCHOAL, 2008, p. 188). Parece que a proximidade com a língua alemã e com Clason afetam diretamente

essa relação de amizade, na qual ambos compartilhavam objetivos comuns – Guimarães Rosa considerava a tradução para o alemão a mais importante –, visa não somente à tradução das palavras, mas também do ambiente, da musicalidade e da linguagem poética que compõem a obra. (PASCHOAL, 2008, p. 188-189)

Desta maneira, podemos perceber que as cartas entre eles, além de amizade, demonstram preocupações a respeito da tradução de *Grande Sertão: Veredas* que ultrapassam as questões das formas linguísticas e podem contribuir para as discussões acerca de autor, tradutor e tradução literária. Essa correspondência entre Meyer-Clason e Rosa, lançada logo em seguida à publicação da correspondência do escritor brasileiro com Edoardo Bizarri, o tradutor de sua obra para o italiano, não se mostra uma mera coincidência e também lança luz em questões sobre autor, tradutor, tradução e (re)criação



literária. Erlon José Paschoal é o responsável pela tradução de *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason* (2003) e suas inquietações surgidas nesse processo culminam em seu artigo “Uma recriação fiel: Diálogos entre o autor e seu tradutor” (2008). Nessa pesquisa, publicada pela Revista *Contexto* (2008\2009) da Universidade Federal do Espírito Santo, ele destaca especialmente a convivência entre o autor e o tradutor. Em suas palavras, “essa relação expressa-se de maneira eloquente nas cartas trocadas entre ambos no período de janeiro de 1958 a agosto de 1967” (PASCHOAL, 2008, p. 188). A aproximação e a convivência entre o autor brasileiro e o tradutor de sua obra para o alemão, destacadas no texto de Paschoal, mostram-se bastante prolíficas para os estudos da tradução ao mesmo tempo em que se constituem como um acréscimo importantíssimo na discussão de questões acerca de autoria e de recriação literária sob uma nova perspectiva.

### **Nova Perspectiva: A Coautoria Ou A Dupla Autoria**

Dentro da terminologia dos estudos da tradução, as palavras “recriação” e “fiel” utilizadas lado a lado por Paschoal em seu título causam estranhamento. A priori, “fidelidade” seria um conceito que remete à visão na qual a tradução é, com frequência, vista como eterna devedora do original. Nesse ínterim, o tradutor deve ao autor da obra que ele traduz e efetua uma tradução servil. Nas palavras de Paschoal, “para muitos, o tradutor não passa de um simples decodificador passivo, que deve se submeter ao autor em função de um conceito de obra original” (PASCHOAL, 2008, p. 185). Embora explicita essa afirmação, fica claro ao longo de seu artigo que, como pesquisador da área, ele não formula seus pensamentos tendo como base divisões binárias e antagônicas, tais como fiel\infiel, autor\tradutor, dentre tantas outras. Aliás, são essas formulações justamente o que busca criticar, pois chega a afirmar que, “em resumo, o conceito de tradução se modificou através dos séculos, mas sempre oscilando entre dois polos: o da fidelidade ao texto e o da interpretação do tradutor” (PASCHOAL, 2008, p. 185). A partir disto, é possível perceber que ao utilizar a palavra “fiel” ele não busca trazer a tarefa da tradução para o âmbito de dicotomias como traição\fidelidade, *traduttore\traditore* (tradutor\traidor). É importante notar que essa tendência ao binarismo nas teorias de tradução parte da questão existente no cerne da tarefa do traduzir que se apresenta como



impossibilidade e necessidade:

essa condição básica do traduzir, que é geralmente considerada o problema central da teoria e a principal dificuldade na prática, gera a conhecida aporia presente nas reflexões tradicionais sobre a tradução, segundo a qual ela seria teoricamente impossível, apesar de constituir uma evidente e necessária realidade empírica. (LAGES, 2002, p. 67)

Essa impossibilidade e necessidade da tradução acaba por originar uma tendência: o caráter opositivo dos termos que compõem as teorias de tradução, como traduzibilidade\intraduzibilidade, original\tradução, autor\tradutor, fidelidade\infidelidade, entre muitos outros. Sobre a traduzibilidade e a intraduzibilidade, comumente, esta última é apontada como o maior desafio do tradutor e configura-se como barreira a ser ultrapassada, impedimento a ser superado. Nesse mesmo âmbito, podemos encontrar como referência inúmeras vezes nas teorias de tradução o mito babélico, aludindo a tarefa da tradução como um desafio imposto e, concomitantemente, suscitando a necessidade de compreensão mútua entre os sujeitos. Conforme os pesquisadores avançam em seus estudos na área, posteriormente,

procurou-se destacar a ideia de que, na pós-modernidade, a reflexão sobre a tradução necessariamente se coloca ao revés das tradicionais dicotomias. Não se trata de negar a existência de aspectos profundamente contraditórios na reflexão sobre a tradução e mesmo na atividade do tradutor: o que importa é extrair as consequências produtivas que o contraditório pode acarretar. (SANTIAGO, 1978, p. 233)

A problematização das frágeis fronteiras que colocam em oposição vários conceitos nas teorias de tradução, ao revés das tradicionais dicotomias, pode ser percebida desde o clássico ensaio de Walter Benjamin *A tarefa-renúncia do tradutor*. Nele, Benjamin abala as fronteiras dicotômicas entre original\tradução, apontando para um novo elemento híbrido resultante da conjugação desses dois elementos, até então, contraditórios. O estudo teórico do alemão Benjamin inaugura uma série de outros que “são representativos de uma tendência que defende uma maior consciência, por parte do tradutor e de todos que tomam a tradução como objeto de estudo” (LAGES, 2002, p. 82). Os apontamentos feitos por Paschoal levando em conta a correspondência entre o escritor Guimarães Rosa e tradutor da já referida obra para o alemão, Curt Meyer-Clason, parecem corroborar Benjamin ao abandonar a sistematização binária que influencia as teorias de tradução.



Nem mesmo as posições de autor e de tradutor permanecem estáveis pois Meyer-Clason afirma “que traduções como essa necessitam da colaboração do autor [...]” (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p.303). É nesse ponto que vemos o prenúncio do que discutiremos logo adiante como o indício da coautoria ou duplicidade da autoria na tradução, tal como proposta no título do artigo. Ao passo que a figura do autor se introjeta na tradução, a obra traduzida também é investida de caráter literário “pois o Sertão alemão é uma obra literária ou não é nada” (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p.282), como afirma o tradutor em uma de suas correspondências. Percebemos aqui que não há uma subserviência em relação ao texto original. Em elevado status, a tradução é também considerada pelo próprio tradutor como uma obra literária.

Erlon José Paschoal busca extrair as consequências do processo produtivo de uma tradução na qual o tradutor e o autor da obra estão envolvidos. Nesse caso específico, há um grande zelo empenhado nessa tarefa, tanto de um, quanto de outro em uma parceria. Essa “maior consciência” de ambos causa maior responsabilidade sobre o processo e o resultado da tarefa de traduzir, tanto que Meyer-Clason incumbe Rosa da função de

onde achar que seria possível uma formulação melhor, esqueça meu texto e escreva à sua forma. Neste caso, o importante é o seguinte: se quiser que eu entenda completamente o que o Senhor quis dizer, então por favor traduza a magia de sua expressão para a lógica de uma linguagem de *common-sense* para que eu possa transplantá-la para a magia da minha versão. Só assim é possível criar uma língua idiomáticamente equivalente. (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p.302)

Nessa passagem, encontramos indicações importantes sobre o processo de tradução de *Grande Sertão: Veredas*. Para elucidar passagens que o tradutor não soubera recriar, Clason requisita que o autor desvele sua escrita literária em uma tradução interlingual (quando solicita uma linguagem mais senso comum) para que, a partir dela, ele possa, como Rosa, criar uma língua que cumpra a mesma função que a língua criada por Guimarães Rosa em sua obra. Nesse processo, as delimitações dos papéis de autor e de tradutor ficam esmaecidas e ambos podem desempenhar qualquer dessas atribuições no âmbito dessa experiência que se abre nas próprias veredas do traduzir. Os contornos dessa coautoria ou duplicidade da autoria vão ganhando forma e profundidade na discussão.

No caso específico dessa tradução de *Grande Sertão: Veredas*, a grande responsabilidade dessa tarefa repousa na “intimidade entre duas pessoas sensíveis de mundos e línguas distintas e dos meandros do trabalho de um tradutor empenhado em





obter o melhor resultado das criações linguísticas de Guimarães Rosa em sua própria língua” (PASCHOAL, 2008, p. 188). Se essa busca pelas cores e sentidos do sertão aumenta a participação ativa do tradutor Clason na tradução de *Grande Sertão: Veredas* em busca das palavras mais expressivas, aumenta também a participação de Rosa, empático e interessado na tarefa de traduzi-las. Como prova disso,

as cartas tratam pormenorizadamente das possíveis traduções para palavras e expressões utilizadas e criadas pelo autor e endereçadas a um leitor que não possuía nenhuma referência do universo por onde circulavam os personagens. O autor participa então ativamente da tradução, dando sugestões, fazendo esclarecimentos e comentários e, muitas vezes, propondo soluções, em função do seu vasto conhecimento linguístico, que incluía o alemão. (PASCHOAL, 2008, p. 188-189)

Assim, é possível destacar a participação ativa de Rosa como tradutor pela descrição detalhada das expressões e palavras utilizadas por ele, com o auxílio de seu conhecimento da língua alemã. Em contrapartida, Clason já havia morado no Brasil e atua como ponte entre a literatura brasileira e a literatura alemã, ao introjetar o *Grande Sertão* na língua de Goethe:

afinal, ao incorporar Guimarães Rosa, a língua alemã teve de fazer malabarismos profundos, o que a obrigou a se flexibilizar, o que significa se desenvolver e fortalecer-se. Colocando em prática o princípio estabelecido por Walter Benjamin, o alemão se aportuguesou através da literatura de Guimarães Rosa por intermédio da tradução de Curt Meyer-Clason. (PASCHOAL, 2008, p. 191)

Esses malabarismos na língua alemã para abrigar o *Grande Sertão: Veredas* indicam uma nova relação de simbiose entre a obra literária e a sua tradução, assim como autor e tradutor. O alemão Clason se aportuguesa, o brasileiro Rosa pensa que a língua alemã expressa melhor sua literatura. O escritor brasileiro chega a afirmar “estou certo de que não me engano. De que a tradução alemã vai ser a de maior rigor e valor, a tradução mãe, a tradução base. É ela que virá dar-nos, mundialmente, a nós dois maiores aplausos. (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p.116). Isso demonstra como Rosa intenta que a tradução alemã seja um futuro parâmetro para outras traduções. Além disso, para o autor, por meio da tradução de Clason, ambos alcançarão maior reconhecimento. Dessa maneira, a tradução também lança luz sobre o texto original e o coloca em circulação dentro de uma nova realidade presentificada e para um novo público alvo.



As traduções operadas entre línguas permitem trocas interculturais. Essas trocas, possibilitadas pela língua como um meio, são uma visão dela própria como um lugar de deslocamento em direção ao outro, uma possibilidade de abrir um espaço onde ele possa falar, como em uma relação de amizade, na qual importa a um o que o outro tem a dizer. Para trazer um texto à luz em um novo corpo linguístico é preciso

deixar que sua língua seja afetada, e mesmo transformada, pela língua estrangeira. Ora, podemos nos perguntar então: é a língua materna ou a estrangeira que se transforma? Entre as línguas envolvidas na tradução o que ocorre é uma espécie de tradução recíproca. (OTTONI, 2005, p. 16)

A tradução recíproca na conjuntura que buscamos analisar traz a questão da fidelidade para a amizade e mútuo respeito, nascida entre Clason e Rosa. Para além da dimensão ética da tradução, a noção de fidelidade aqui abrangia também a relação essencialmente humana entre dois estudiosos cômicos da grandiosidade da tarefa na qual estavam respectivamente envolvidos e dos impactos dela para ambas culturas.

Dessa confiança e maneira fraterna com as quais se relacionam mutuamente, aliadas ao conhecimento da língua alemã de Guimarães Rosa, nasce as traduções das obras desse autor. Podemos dizer, assim, que há uma coautoria no processo das traduções. Clason sempre a perguntar. Rosa sempre pronto a responder e alimentar o seu tradutor com textos críticos, a fim de que a tradução também seja um movimento reflexivo. O que se observa, na leitura dessas cartas, não é um autor que pede fidelidade ao original. Os pedidos são por parceria e recriação constantes. Clason foi um tradutor que compreendeu não só a natureza *sui generis* dos livros de Guimarães Rosa mas que também desenvolveu a sua tarefa tradutória como forma também *sui generis* de fazer literatura – poesia acima de tudo, diz ele em certo momento, a afirmar que também é autor, embora conhecedor profundo da natureza transitória da tradução. (DE MELO, 2021, p. 332)

O esforço, neste contexto, não se trata de Brasil ou Alemanha, não se relaciona com os critérios geográficos, mas sim com abrigar o outro em sua própria língua, ou nas palavras de Berman “desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua” (BERMAN, 2007, p. 69). Esse é um empreendimento de ambos e, com isso, acabam ampliando a cultura da Alemanha e do Brasil, por meio de sua correspondência em “uma missão de vida na qual cada palavra está por fio, pois está recheada com os respectivos tesouros de seu país.” (PASCHOAL, 2008 p. 188). Para além de superar os já mencionados binarismos nas teorias de tradução, o que procuramos





ressaltar é que o produtivo nessa relação se trata de nunca se furta à tarefa de traduzir, ou “o perigoso encontro com o “intraduzível” – em vez de se chegar a nomes pré-fabricados” (BHABHA, 1998, p. 311). No caso da tradução de *Grande Sertão: Veredas*, o encontro com o intraduzível constitui-se como um desafio amplificado pela magnitude e pela importância da obra e de seu autor. A literatura reside no sentido que escapa quando mais se pretende explicar, a qualidade mais fugidia quando se tenta traduzir. Essa característica é intrínseca à literatura e, nesse âmbito, a obra de Guimarães Rosa exemplifica perfeitamente as colocações de Derrida acerca da traduzibilidade, da intraduzibilidade e das línguas envolvidas (ainda que dentro de uma mesma língua) em um processo tradutório:

escrever coisas imediatamente traduzíveis é não escrever e não convocar à tradução. Só pede para ser traduzido o que se atribui inicialmente como intraduzível. E não somente no que os linguistas chamam de outras línguas, mas no interior de uma mesma língua. (DERRIDA, 2005, p. 183)

*Grande Sertão: Veredas*, certamente, à primeira vista, intimidada, parece intraduzível, dada as línguas que circulam dentro da própria língua, as várias línguas nos falares dos sertanejos. Paschoal explicita que, “para Meyer-Clason, a linguagem do sertanejo presente na obra de Guimarães Rosa é muito difícil de ser traduzida” (PASCHOAL, 2008 p. 190). Erlon José Paschoal tensiona essa problemática ao propor que, “nesse sentido, a tradução perfeita poderia ser talvez aquela feita pelo próprio autor” (PASCHOAL, 2008, p. 189). Vai ainda além e afirma que, “em tese, ninguém melhor que o autor para explicar as suas próprias intenções, decifrar o texto e ressaltar o que merece destaque” (PASCHOAL, 2008, p. 189). Essa afirmação é cinco anos posterior ao lançamento do compilado das correspondências entre ambos que havia traduzido, de modo que, conhecendo muito bem a tarefa do tradutor e os seus percalços, Paschoal só faria tais afirmações para provocar sérias reflexões sobre a posição daquele que traduz e seu árduo ofício, pois

como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílida beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela suscetível de uma vivissecação implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso. Por isso mesmo a tradução é crítica. Tradução é uma maneira mais atenta de ler. (CAMPOS, 1976, p. 31)

Tradução é mecanismo que se desenvolve no jogo da linguagem na associação entre signos e sentidos. A tradução é também criação artística, cuja função de selecionar os



instrumentos para (re)compor uma obra recai sobre o sujeito do tradutor. Dessa forma, a atividade da tradução passa a ser tarefa múltipla: de criação artística, de leitura, de crítica e

o resultado há de ficar na dependência do tradutor humano que dele se valha e ao qual enfim caberá optar por esta ou aquela palavra, esta ou aquela expressão – opção que faz de cada tradução um ato de criação e de cada tradutor humano um autêntico criador. (CAMPOS, 1987, p. 18)

Ao trazer a tarefa daquele que traduz para um âmbito mais criativo, o conceito de “recriação” pôde ser evocado no texto de Paschoal, e percebemos que o conceito de “fidelidade” ao seu lado, proposto no título de seu artigo, brinca com as citadas dicotomias nas teorias de tradução. Recriação, nesse contexto, implica uma

violência inevitável, necessária, enfim, simultaneamente vital e mortal, que é o móvel de todo trabalho de tradução preocupado com seu próprio fundamento histórico e ontológico, como manifestação de uma escrita que não esconde a duplicidade de sua autoria. (LAGES, 2002, p. 82)

Nesse ponto, fica mais nítido que o movimento engendrado por Clason e Rosa, em sua troca de correspondências, trata-se dessa manifestação que explicita uma duplicidade de autoria ou coautoria. No contexto da tradução de *Grande Sertão: Veredas*, a relação de fidelidade é mútua. Se, por um lado, Meyer-Clason deixa clara sua necessidade de ajuda, para Guimarães Rosa, é impossível não o ajudar. A correspondência trocada por eles mostra isso e a relação que eles criam “é um dos exemplos mais notáveis de uma grande amizade surgida entre autor e tradutor, chegando algumas vezes a uma verdadeira simbiose” (PASCHOAL, 2008, p. 187).

### Considerações Finais

Pudemos, com o artigo de Paschoal, vislumbrar novas possibilidades de relação entre diversos elementos que compõem as conhecidas dicotomias presentes nas teorias de tradução. Ele aponta para novas formas de abordagem da tradução desde seu título, ao construir um par com dois elementos não correlacionados, e, aparentemente, não conjugáveis entre si, “recriação e “fiel”. O que é explicitado por Paschoal que buscamos destacar é a possibilidade da simbiose autor e tradutor, termo bem apropriado para um contexto no qual uma incansável ajuda para traduzir a obra vem das exímias cartas e



indicações do próprio escritor Guimarães Rosa para seu grande amigo Curt Meyer-Clason. Nessa recriação fiel de *Grande Sertão: Veredas*, a duplicidade da autoria na tradução fica evidente. A duplicidade da autoria do texto fica aparente quando o próprio autor da obra chega a afirmar que alemão seria a língua mais adequada para escrever sua obra. Para que Rosa chegasse a tal conclusão, ele necessitava da parceria colaborativa com seu tradutor para promover uma vivissecação implacável de seu livro para recriá-lo no idioma de Goethe. Esse olhar torna-se possível porque o espaço de autoria da obra foi compartilhado por ambos, escritor e tradutor. Dessa maneira, eles se traduzem reciprocamente. Se de um lado, Clason sente a enorme responsabilidade, ele busca se superar pois

embora a confiança que o amigo vai depositando na minha força de tradutor de sua obra pese na minha consciência literária, ela também me fortifica e me conforta. Espero que ela – essa sua confiança – se transforme em mim numa intuição redobrada para *ergründen* os enigmas idiomáticos de seu mundo linguístico (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p.97)

Esse trecho diz muito acerca da convicção de Guimarães Rosa acerca da habilidade de tradutor de seu amigo Clason. Por outro lado, Rosa confessa conhecer as dificuldades do processo e felicita seu tradutor: “sei das muitas dificuldades que o Amigo encontrou pela frente, e admira-me que se tenha podido sair tão bem da empresa. A correspondência é exata, as boas soluções são de grande felicidade.” (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p.83). Desta citação, destacamos o tom elogioso do autor de *Grande Sertão: Veredas* para as soluções tradutórias apresentadas por Meyer-Clason.

Desse modo, é possível perceber que enveredar pelos caminhos do sertão é adentrar as profundezas imperscrutáveis da tradução. Se remetermos à própria origem da tradução, evocamos o episódio babilônico, considerado como o mito da origem das várias línguas, indicação de que sua existência surge através de sua própria exigência e prática e, sobretudo, da vontade de entender o outro. As novas abordagens nas teorias da tradução nos lembram que o texto traduzido é uma nova criação baseada no texto original, e que a relação entre os dois é complexa e multifacetada. O tradutor deve ser capaz de entender e respeitar o texto que recria, ao mesmo tempo que também deve ser capaz de adaptá-lo para ser compreendido e apreciado pelos leitores da língua e cultura de chegada.

Se durante muito tempo a impossibilidade da tradução de um texto literário foi difundida, e, posteriormente, problematizada, em nossa pesquisa, buscamos refletir sobre essa questão por meio da discussão acerca da tradução de uma das obras mais



emblemáticas da cultura e da literatura brasileira: *Grande Sertão: Veredas*. A dificuldade de traduzir esse grande livro do escritor João Guimarães Rosa fez com que muitos estudiosos apontassem para essa tarefa como sendo de execução impossível. Os críticos colocam em evidência a capacidade do escritor de lidar com variadas línguas no interior de uma mesma língua, característica marcante, presente nesse livro. Podemos perceber que essa peculiaridade adiciona mais desafio à tarefa impossível (porém necessária) de efetuar a tradução literária da criação rosiana. A oposição entre a língua original e a língua da tradução, nesse contexto, deve ser reposicionada e necessita de uma nova abordagem, e, portanto,

pretendo discutir e redimensionar essa distinção - língua materna e língua estrangeira -, esses polos antagônicos, e mostrar que eles são complementares e que a tradução é um acontecimento que está dentro do jogo de significados que se produz entre as línguas. Não há, assim, fronteiras entre as línguas; elas se complementam, provocando e proporcionando um transbordamento e evidenciando a multiplicidade de línguas envolvidas na tradução” (OTTONI, 2005, p. 50)

Para além do gesto prático da tradução, o contexto e as circunstâncias da tradução, bem como as reflexões resultantes desse processo, no caso em particular analisado, são importantes para compreender por que o afastamento entre autor/tradutor, tradução/original, entre tantos outros já mencionados pares opositivos, é problemático e deve ser constantemente repensado. É de suma importância perceber que, mais interessante do que abordar esses elementos isolados, é pensar como autor e tradutor, tradução e original, cooperam entre si.

Como indica a própria idealização motivadora do dossiê *Tradução Literária: Reflexões teóricas, práticas e analíticas insurgentes*, suscitamos Derrida e suas reflexões sobre o intraduzível no interior de uma mesma língua e necessidade de traduzi-lo, bem como sua impossibilidade. Admitida sua realização prática, é preciso traçar estratégias para que a tradução como um ato social que envolve o outro seja ética, poética e pensante. Nesse sentido,

Essas cartas apresentam discussões acerca de traduções e também crítica. Crítica entendida como a abertura da obra original para novos movimentos e novas leituras. Bem sabemos que a tradução já é crítica. Porém, temos a crítica desenvolvida pela leitura profunda da obra, que não necessariamente se foca na tradução *stricto sensu* (DE MELO, 2021, p. 333)

Ampliando ao máximo a ideia da tradução como uma tarefa colaborativa que



aproxima os sujeitos, os mundos e as suas visões, propomos nesse trabalho que a proximidade entre o autor e “o tradutor vai interferir de maneira definitiva nesses dois sistemas, produzindo e transformando significados da língua de partida e da língua de chegada.” (OTTONI, 2005, p.27). Mais do que uma simples troca de cartas, encontramos apontamentos e discussões sobre a tarefa de traduzir, a ideia de fidelidade, de recriação literária, Clason afirma que

[...] gostaria sobretudo de mostrar as enormes possibilidades existentes para a Alemanha em acolher a grande literatura do Brasil com pureza, isto é, exatidão, no sentido de uma fidelidade poética ao sentido (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p.282)

Na recriação literária das letras e seu mistério, como explicitado por Borges no início deste dossiê, destacamos o indesvendável *Grande Sertão: Veredas*, cuja desafiadora tarefa de tradução não é capaz de decodificá-lo completamente. Mais do que uma tradução palavra por palavra, é necessário um cuidado especial com o conteúdo sensível, como já foi explicitado anteriormente. É também por meio da correspondência entre autor e tradutor que ficamos cientes de que

para haver o mínimo de distorções possíveis da ideologia, presente no texto de partida, é necessário ao tradutor ocupar-se muito mais dos sentidos que as palavras assumem dentro dos contextos culturais em que são produzidas e no contexto da obra em que aparecem do que com o seu significado estável e dicionarizado, tal como Rosa, reiteradas vezes, sugere a Clason em suas cartas. (CECCHETO-GASPARIN, 2010, p.63)

A amizade estreita entre autor e tradutor certamente torna mais praticável a tarefa de traduzir a intraduzível obra roseana. Entretanto, isso não impede que haja insatisfações de ambos em relação ao resultado materialmente textual produzido para a recriação literária de *Grande Sertão: Veredas*. Nesse ponto, retomamos Berman e sua ideia da tradução como experiência, de ser-obra, das línguas e do ser-língua. Essa citação de Antoine Berman destaca a importância da experiência na tradução. Experiência da tradução tanto como tarefa prática, como também enquanto processo de envolvimento emocional e intelectual do tradutor com o autor e com a obra original. A tradução não é apenas um processo técnico de substituição de palavras de uma língua para outra, o tradutor deve ser capaz de compreender as nuances da língua de origem e da língua de destino, incluindo as diferenças culturais e históricas que podem afetar a compreensão da



obra original. Por esse motivo, Berman busca destacar que a tradução é uma experiência que envolve uma maior compreensão da obra a ser traduzida, exigindo, nas palavras de Haroldo de Campos, uma maneira mais atenta de ler. As línguas envolvidas e a própria experiência do tradutor também são fatores que influenciam nesse processo. Por fim, a tradução também é uma experiência pessoal do tradutor. O tradutor traz consigo sua própria experiência de vida e perspectiva cultural, o que pode afetar a maneira como ele interpreta e traduz a obra original. Guimarães Rosa é enfático em sua correspondência enviada a Meyer-Clason:

E - repito - é nas *suas* traduções que, por todos os motivos, acredito, principalmente desde que pude conhecê-lo pessoalmente e admirar sua cultura, seu alto espírito e sua sensibilidade de Poeta, que eu deposito as maiores e mais vivas esperanças, quanto à repercussão mundial de meus livros (ROSA; MEYER-CLASON, 2003, p.104)

Em *Leituras de Grande Sertão Veredas: sua tradução alemã e a correspondência de Guimarães Rosa com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*, Ceccheto-Gasparin expõe o conflito de interesses entre autor e tradutor. A preocupação de Clason com o mercado de edições e de publicações bem como com o público-alvo da tradução de *Grande Sertão: Veredas* são colocados em evidência, pois, na opinião do pesquisador Gasparin, acabam afetando a sua tarefa de tradutor. Se as críticas à tradução de Clason buscam relativizar sua competência, por outro lado, Ceccheto também questiona os conhecimentos linguísticos que Guimarães Rosa tinha da língua alemã. Enquanto seu artigo busca enfatizar as tensões entre autor e tradutor e seus interesses divergentes, deixa de lado que ambos em cooperação abrem-se para a experiência do processo, ênfase da abordagem de Berman para a tarefa da tradução que busca exaltar essa mesma experiência que surge no processo da tradução em si, quanto mais impossível ela for considerada pelos críticos. Essa abordagem enfatiza a importância da subjetividade na tradução e destaca a necessidade de que o tradutor seja sensível às nuances e complexidades da obra original o do autor da obra que confie em seu tradutor e suas escolhas.

É verdade que, ao trabalharem juntos, autor e tradutor podem colaborar e aprender com a experiência um do outro durante o processo de tradução. O diálogo e a comunicação entre o autor e o tradutor podem levar a uma compreensão mais profunda do texto original e uma tradução mais precisa e eficaz. No entanto, é importante reconhecer que, apesar da colaboração, os interesses e perspectivas do autor e do tradutor ainda podem ser





discrepantes. O autor pode ter uma visão particular de como deseja que seu trabalho seja traduzido, enquanto o tradutor pode ter sua própria interpretação e abordagem para realizar a tarefa. Além disso, o autor e o tradutor podem ter diferentes níveis de proficiência da língua de chegada e da língua de partida, o que pode levar a desafios adicionais.

Portanto, embora a cooperação entre autor e tradutor seja importante e possa levar a uma tradução mais eficaz, também é importante reconhecer que pode haver tensões envolvidas no processo. A compreensão mútua e a comunicação clara, como acontecem no caso estudado, podem ajudar a minimizar essas tensões e levar a uma tradução de qualidade superior. Nesse âmbito, as expectativas de Guimarães Rosa em relação à tradução alemã de sua obra e ao seu tradutor são atendidas e o sertão alemão potencialmente pode auxiliar na difusão internacional da literatura roseana.

## Referências

- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, PGET 7Letras, 2007. [tradutores: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini]
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. tradução de Myriam Avila, Eliane Livia reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998
- CAMPOS, Geir. **Como fazer tradução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.
- CECCHETO-GASPARIN, Fábio Luis. **Leituras de Grande Sertão Veredas: sua tradução alemã e a correspondência de Guimarães Rosa com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason**. *Signótica*, v. 22, n. 1, p. 57-68, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124819>>. Acesso em 27/03/2023.
- DE MELO MARQUES ARAÚJO, J. Traduzir-da-tradução: do Urucúia ao Reno, do Reno ao Urucúia. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 32, n. 63, p. 325-345, 16 dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22409/cadlettrasuff.v32i63.48870> Acesso em: 17/06/2023
- DERRIDA, Jacques; OTTONI, Paulo. **Tradução Manifesta: Double Bind e Acontecimento, seguido de Fidelidade a mais de um: merecer herdar onde a genealogia falta**. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: EDUSP, 2005.
- LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin: tradução e melancolia**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- OTTONI, Paulo. **Tradução: A prática da diferença**. 2. ed. revisada. Campinas: Unicamp, 2005.
- PASCHOAL, Erlon José. **Uma recriação fiel: diálogos entre o autor e seu tradutor**. In: **Contexto / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em Letras - N. 15 e 16 (2008/2009) - Vitória, Ufes, PPGL-MEL, 1987. p. 184-191.**
- ROSA, João Guimarães; MEYER-CLASON, Curt. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason**. Edição, org. e notas: Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti. Tradução Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de



Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

